

HOMENAGEM AO PROF. MILTON SANTOS

Magnífica Vice-Reitora da Universidade de São Paulo, Professora Myrian Krasilchik;

Ilustríssimo Senhor, Professor João Baptista Borges Pereira, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas;

Ilustríssimo Senhor Professor José Bueno Conti, Chefe do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas;

Senhores Professores, Alunos e Funcionários, membros da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas;

Autoridades Universitárias e demais Autoridades presentes;

Minhas colegas e meus colegas;

Senhores funcionários e alunos;

Minhas senhoras e meus senhores;

Professor Milton Santos, meu colega, meu mestre, meu amigo:

Desnecessário dizer da minha emoção e honra, pelo privilégio que me foi concedido pelo Departamento de Geografia e pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para fazer-lhe esta saudação.

Tarefa prazerosa que realizo com imensa satisfação compartilhada com a alegria da Universidade e da Faculdade por outorgar-lhe, Professor Milton, o título de Professor Emérito.

É motivo de júbilo! É um privilégio para esta Faculdade poder homenageá-lo com esta bonita festa que, se realizada na Bahia, sua terra natal, duraria provavelmente dias... Já testemunhei aliás este fato, recentemente.

Preparando-me para esta solenidade, fiquei imaginando tudo o que poderia dizer-lhe. Pessoalmente, asseguro-lhe, não seria nada difícil: conheço sua obra e sua pessoa sobejamente. Minha dificuldade está na representação que tenho. Espero não traí-la, exagerando na afeição pessoal que lhe dedico, mantendo-me nos cânones rigorosos da Academia. Além do mais, sou neófita nestas cerimônias. Minha vida e minha dedicação a esta Universidade, por vezes, impediram-me de acompanhar quanta coisa...

Pensando em tudo isto e, por que não dizer examinando os documentos de cerimônias como esta já realizadas, decidi tomar um partido, no sentido dado pelos nossos colegas arquitetos.

Se seguisse os padrões mais tradicionais como é de hábito na Academia, eu levaria horas relatando e comentando seu curriculum.

Não citarei sua vastíssima obra: dezenas de livros produzidos e traduzidos em diversos países e idiomas – não é à toa que seus colegas lhe chamam de **cidadão do mundo!**

Cansaria também a platéia se enumerasse todas as Universidades onde você trabalhou em todos os continentes, pelo mundo afora: na América, na Europa, na Ásia e na África.

Me alongaria em dizer todas as universidades que já lhe homenagearam, outorgando-lhe títulos de diferentes naturezas: alguns como este que agora a Universidade de São Paulo lhe oferece e diversos títulos de *doutor honoris causa!* Isto tudo no Brasil e no Exterior.

Quanto tempo levaria para falar de seus alunos, de suas pesquisas, suas teses, dos Departamentos de Geografia, Mestrados e Doutorados que você ajudou a criar pelo mundo e das revistas que ajudou a fundar, não apenas com o seu talento, mas com a sua contribuição definitiva, material. Richard Peet e Neil Smith, nossos ilustres colegas trabalhando nos Estados Unidos, David Slater na Inglaterra, Hélène Lamicq, Michel Rochefort, Bernard Kayser, Jacques Levy, Georges Benko na França, Takahashi no Japão, Presidente Nierere da Tanzânia, teriam muito a nos dizer sobre estas coisas todas.

Dos prêmios que recebeu, há longas histórias a contar: sobre o Vautrin Ludd, um autêntico Nobel das Ciências Humanas que o consagrou entre os grandes intelectuais europeus, sendo o primeiro homem ao Sul do equador a recebê-lo e, sobre o Jaboti, que você ganhou ainda este ano e que não foi receber ?

Indomável Milton, sempre rigoroso, cuidadoso e atento aos meandros do mundo!

Adorável Milton, pelas peças que prega e pelas maravilhosas lições de vida que nos dá.

Mas, é exatamente essa sua ousadia que me estimula a saudá-lo, como o faço agora, não sei se investida ou não da representação que me deram. Mas assumo os riscos.

Eu poderia também passar horas matando a curiosidade de todos, aquela que eu também tive um dia, de conhecer quem é esse negro, Professor Titular de uma instituição tão cara a famílias da mais rigorosa tradição paulista! De fato, a sua condição negra, na USP, denuncia uma raridade. Aqui, os negros necessitam definir estratégias especiais para se fazer notar. Não matarei a curiosidade dos presentes apresentando Milton Santos. Apenas desejo que este não venha a ser o último negro a estar aqui...

E assim, Professor Milton, estou entrando no seu estilo. Estou testemunhando com ele o que você nos tem ensinado sobre a Universidade e direi também, sobre a Geografia, sobre nosso país e sobre a vida.

Não me é dado tempo para deter-me no seu período de exílio: a França, a Venezuela, os Estados Unidos, a Tanzânia receberam você e sua família de braços abertos.

Errante Cidadão do Mundo, você soube, como poucos, construir um pensamento fértil e crítico, sem dele jamais se arrepender, semeando a Geografia Nova pelo planeta dentro do maior rigor teórico, filosófico e por que não dizer, político.

Não terei também tempo nesta importante mas breve solenidade, de me referir à sua relação com o poder. Ficou já célebre, uma das suas frases lapidares: *não é o poder que importa, mas o prestígio e a posteridade.*

Para muitos, um arrogante Milton! Para os sensatos, o sábio Milton que refinadamente distingue o modo, da moda. Difícil envolvê-lo em projetos superficiais e sem clareza com relação ao seu país, à Universidade e, com relação a vida.

Milton, um amante do Brasil, inflexível com os modismos contemporâneos, severo colega e amigo, um acadêmico como poucos.

Intelectual competente, tráfegando em diferentes disciplinas. Não me deterei na sua brilhante carreira de jornalista, de advogado, de professor de matemática e de político. Sua pena já foi a mais temida da cidade da Bahia, nos diz seu amigo Jorge Calmon.

O seu rigor, a sua cordialidade, a sua “intolerável” resistência ao charme dos modismos, dos adesismos apressados, do deixar-se utilizar por quem quer que seja. O rigor e integridade que você exige dos seus amigos, sendo por vezes extremamente cruel: a sua integridade e postura ética, meu amigo, não tem limites...

Um amigo nosso, ilustre geógrafo francês Jaques Levy que nos visita agora no Departamento de Geografia, homenageou você começando por dizer que *falar aos outros de um amigo é, em certo sentido, torná-lo estranho, fazer dele um objeto frio quando é o calor da afeição que se tem vontade de expressar*. Esta minha condição de amiga e agora representante da Congregação me coloca em uma situação extremamente estranha e difícil de lidar.

Como falar do rigor e firmeza de Milton, sem falar na sua cordialidade e na sua ternura! Não se assuste, não repetirei o belíssimo jargão dos fiéis a Guevara, tão falado nesta nossa amada América Latina.

Foi assim que você foi nos transmitindo e nos ensinando sobre a Universidade, sobre a Geografia do Mundo e dos Lugares, sobre o Território de tudo e de todos, sobre a Cidadania, alertando-nos sobre as artimanhas desta contemporaneidade.

Falo agora da explosão da sua obra e a importância que ela tem para a *intelligenza* brasileira e, para as universidades que lhe acolheram, em particular a Universidade de São Paulo.

Procuro acompanhar de perto a sua produção científica e acadêmica: seu pensar é profundo, erudito, sinuoso como o *caminho do campo*, na metafísica de Heidegger.

Sua obra, se confunde no meu modo de ver com a história do pensamento geográfico brasileiro: empirista no início – vide os seus primeiros trabalhos; formula depois, sob inspiração do método indutivo dedutivo – o Espaço Dividido e outros textos sobre a Economia Urbana, e entra plenamente na dialética à partir da Geografia Nova. Estamos na totalidade mundo, na aceleração contemporânea, enfim mergulhamos no movimento do mundo.

Assim, Professor Milton, você vai se transformando em um geógrafo-filósofo: solto, ético, completamente comprometido com o seu tempo, com o seu povo, mas sobretudo com o mundo. Tem a ousadia de propor que a Geografia *é a filosofia das técnicas!*

Nos ensina que *a paisagem é uma acumulação de tempos* e que o *espaço geográfico é um sistema de objetos e de ações* onde a técnica tem um papel central.

Vai nos introduzir nesta *aceleração contemporânea* cuja compreensão está pautada na caracterização do mundo hoje, como pertencendo a um *período técnico científico e informacional* da História e, conseqüentemente produzindo um *meio técnico científico e informacional*, não se esquecendo das lições de um de seus grandes mestres que foi Max Sorre. Fala-nos do tempo e nos introduz no conceito de evento, *o tempo empiricizado, portador de um acontecer histórico*.

Desenvolve os conceitos de sistema, isto é, o funcionamento da técnica em diversas épocas – no seu aspecto material e imaterial – e que hoje possibilita a criação daquilo que você denomina de *inteligência planetária*; de redes, *produto das condições contemporâneas da técnica* e de ações que se distinguem pela sua racionalidade e intencionalidade. Fala-nos de verticalidades, *esse espaço de fluxos formado por pontos* e de horizontalidades, *os espaços da contigüidade*.

Em suas formulações, centradas em um humanismo irrepreensível, há lugar também para os homens lentos e pobres do planeta e que se situam diante da volúpia dos tempos acelerados. Nos introduz,

assim nas *zonas opacas e nas zonas luminosas*, para alertar-nos sobre a tecnificação do território nesta nova divisão do trabalho mediada pela técnica.

Mas, o que é mais importante, nos faz revisitar velhos conceitos da geografia – região, lugar, território – ajustando-os ao mundo de hoje.

Você faz assim, renascer a Geografia.

Seu novo livro, cuidadosa e longamente trabalhado em geografias distantes. Um primor! Será, sem dúvida, uma sua marca.

Mas, já há novos projetos...

É chegada a hora de pensar na história do território brasileiro.

Pura especulação minha. Porém essa idéia deve ter por trás uma interpretação nova da globalização. A reflexão de um geógrafo sobre a sociedade brasileira.

E tem mais... No sabor das conversas surge uma nova epistemologia da existência, a questão da emoção. Mas a técnica permanece como a questão central e esta é a enorme contribuição de Milton Santos para a compreensão desta Contemporaneidade. Daí a sua avançada proposição da geografia como sendo a filosofia das técnicas.

Uma visão da técnica que não suprime a História. Há uma preocupação firme no sentido de romper com a aparente impossibilidade de mudança, especialmente dos processos de compreensão do nosso tempo e conseqüentemente do Brasil, hoje.

O Professor Milton Santos entende a técnica usada de outra maneira, através de outras combinações e com uma enorme crença da História.

Imensos projetos, na absoluta necessidade de compreender o mundo e o seu país, pelo olhar de um geógrafo.

Mas, o que permanece é o desesperado apelo para o pensar, o novo pensar para construir o novo e não confundir-lo com a novidade.

É preciso ensinar a perceber a diferença não apenas entre o rico e o pobre, mas ver no pobre o ser humano. Provavelmente aí está a epistemologia da existência a que você tem se referido ultimamente, insistentemente.

Você nos revela sempre, a sua visão sobre a geografia, sobre o Brasil e sobre o mundo. Seu sinuoso pensar pode vislumbrar coisas que nós ainda certamente não estamos vendo. Assim tem sido a sua vida...

Poderia alongar-me, tentando fazer uma leitura da sua visão sobre a Universidade.

Insistente e rebelde combatente contra a exacerbação da burocracia universitária, quotidianamente em seu trabalho e onde lhe dão espaço, você a denuncia, pregando uma Universidade crítica, capaz de gerar verdadeiros intelectuais. Uma Universidade plural, transversal como você tem dito ultimamente, com políticas definidas, contemporâneas, sobre o Ensino e a Pesquisa e, sobretudo com extrema clareza do significado do relacionamento com o mundo. Duro crítico da entropia da USP, sem desmerecer a sua importância e o seu papel no Brasil. Combatente da mediocridade, denuncia em sala de aula, nos congressos, ou onde quer que esteja o espírito retrógrado, a preguiça do pensar.

Em um excelente colóquio organizado pela nossa Faculdade de Filosofia em 1994, você nos alertava sobre o papel das Humanidades na Universidade. Fazia um chamamento para a importância da nossa compreensão desse mundo mutante e a dura relação entre as ciências ditas *moles e duras*.

Ensinava-nos, você, que *discernir, em meio a perplexidade, a verdadeira estrutura do mundo é o grande desafio da Universidade. Trata-se, na verdade, de reaprender este mundo, um mundo que, todos os dias, engendra novos projetos, novos fatos, novas relações e, desse modo, cria novos ignorantes.*

Alertava-nos naquela ocasião, também, que *nosso problema crucial é que a ciência, tributária da técnica e do mercado, cada vez mais se submete a princípios perversos de organização. Programas e projetos fundados na política das empresas e das instituições presidem as escolhas.* É lapidar a análise que você faz da precedência da pesquisa pura, pela pesquisa aplicada.

Ainda nessa sua intervenção, nos faz pensar sobre um país *que cresceu, sem deixar crescer os seus filósofos, seus pensadores, seus intelectuais*, resgatando a *querela das Faculdades*, discutida por Kant, discutindo o papel da Faculdade de Filosofia.

Hoje, na medida em que o nexo racional e o nexo tecnológico se instalam nas disciplinas humanas e sociais, cresce, dentro destas, o risco do triunfo do pensamento calculante diz você, severamente.

Espero, professor Milton Santos, ter sido fiel aos seus ensinamentos e aos desígnios desta casa, que teve e tem ainda tantos professores ilustres.

Nós lhe somos devedores do seu rigor, do seu trabalho. Somos gratos aos seus ensinamentos, a sua cordialidade, a sua sabedoria.

O Departamento de Geografia, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a Universidade de São Paulo pelo mínimo que pude transmitir aqui, têm orgulho de tê-lo como Professor Emérito.

Seja muito feliz, Professor Milton, meu amigo e meu mestre.

Maria Adélia Aparecida de Souza
Professora Titular da USP

São Paulo, 28 de agosto de 1997.
Salão Nobre da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas